

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS E TRADUÇÃO
CURSO DE LETRAS-TRADUÇÃO**

**TRADUÇÃO MILITANTE DE “RUMORES CHINESES”
中国谣言**

**CAMILA FELIX PESSOA
09/41191**

**BRASÍLIA – DF
Dezembro 2013**

CAMILA FELIX PESSOA 09/41191

TRADUÇÃO MILITANTE DE “RUMORES CHINESES”

Trabalho apresentado ao Curso de Letras- Tradução,
Departamento de Línguas Estrangeiras e Tradução,
Instituto de Letras da Universidade de Brasília, para
a disciplina de Projeto Final.

Orientador: Prof. Dr Mark David Ridd

**Brasília – DF
Dezembro de 2012**

AGRADECIMENTOS

致词

Gostaria de agradecer do fundo do coração:

À minha família que sempre me apoiou em todas as minhas aventuras e desventuras aqui e na China.

Ao meu companheiro na vida e no amor Daniel Arthur por ter aguentado firme meus desesperos, rompantes de raiva e minhas crises de carência.

Ao meu orientador Mark David Ridd por desanuviar minha mente para muitos aspectos da tradução e por dedicar seu tempo para tal.

Aos meus amigos e amigas mais próximos por me ajudarem a manter as esperanças sempre vivas.

À minha amada amiga Danielle Palhares de Almeida por ter sido minha primeira leitora e examinadora.

Aos cafés de Brasília de onde usei e abusei da internet sem fio, muitas vezes sem mesmo ter dinheiro para consumir nada.

À Universidade de Brasília, lugar onde meu “eu” acadêmico encontrou espaço para crescer e amadurecer.

1. INTRODUÇÃO	5
2. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS	6
2.1. ESCOLHA DA OBRA	6
2.2. COMO A OBRA FOI RECEBIDA NO REINO UNIDO	8
2.3. A OBRA: HISTÓRIAS POLÊMICAS	9
2.4. METODOLOGIA	11
2.5. OBJETIVOS	12
3. REFLEXÕES TEÓRICAS	14
3.1. A TRADUÇÃO NO MUNDO PÓS-COLONIAL	14
3.2. O CONCEITO DE HIBRIDISMO	14
3.3. A VISIBILIDADE E ESTRANGEIRIZAÇÃO COMO TÁTICA DE RESISTÊNCIA	17
3.4. A TRADUÇÃO ATIVISTA	22
4. RELATÓRIO	27
4.1. CHINESE WHISPERS: O TÍTULO E SUAS NUANCES	27
4.2. TRADUÇÃO DE PRONOMES DE TRATAMENTO DO CHINÊS PARA O PORTUGUÊS	28
4.3. TRADUZIR OU NÃO TRADUZIR? EIS A QUESTÃO.	29
4.4. DEMAIS IMPASSES E SOLUÇÕES	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46
7. ANEXO A – TEXTO ORIGINAL	ERROR! BOOKMARK NOT DEFINED.

1. INTRODUÇÃO

“Laowai”

“老外”

No mundo moderno, as distâncias entre os países parece diminuir a cada dia e as culturas aumentam o contato umas com as outras. Conhecer e entender as características e peculiaridades culturais do outro beneficia ainda mais essa comunicação intercultural. Alguns países, no entanto, ainda têm suas culturas desconhecidas por várias outras partes do mundo, como é o caso da China e também do Brasil.

A China, no entanto, está se fazendo cada vez mais presente em muitos países ocidentais. Por meio dos Institutos Confúcio¹, que já conta com 327 institutos em 93 países, a China pode mostrar ao mundo todas as suas cores e sua grandiosa riqueza cultural, e atrair mais e mais admiradores para esse misterioso país. Sua impressionante trajetória econômica atrai o olhar de muitos profissionais e amadores de diversas áreas. Contudo, muito pouco ainda se sabe sobre a China no tocante à sua cultura.

O início da minha vida acadêmica também foi a época do meu primeiro contato com a China e com o mandarim². Desse contato inicial nasceu uma grande paixão que me levou para bem longe daqui. Em 2010, juntei minhas malas e fui morar dois anos na capital chinesa. Lá, eu me tornara uma “laowai” (palavra que os chineses usam para se referir aos estrangeiros, semelhante ao nosso “gringo”).

Essa experiência me transformou, e me fez entender melhor as diferenças culturais e a ser mais tolerante e receptiva à uma nova consciência e à uma nova verdade.

¹ <http://portuguese.chinese.cn/>

² A língua oficial da China é o que chamamos no Brasil de “mandarim”. Essa nomenclatura em chinês é um pouco mais complexa. Contudo, eles usam termos como “mandarim” e “chinês” de forma sinônima. Nesse trabalho, farei o mesmo.

Pouco a pouco a China tornou-se parte importante da minha vida, e senti que o meu amor pelo país, sua cultura e sua língua deveria ser compartilhado com aqueles interessados pelo assunto, mas que ainda não haviam tido a oportunidade de conhecer a China.

Quando voltei ao Brasil, logo me prontifiquei a entrar em contato com o Instituto Confúcio da Universidade de Brasília (que poucos alunos da universidade sabem que existe) e manifestar meu desejo de ensinar a língua. Fui acolhida com muito carinho pelo então vice-diretor Chen Jiaying, que sempre acreditou no meu talento e se tornou uma grande referência na minha vida. Por meio do meu trabalho como professora, consegui despertar em algumas pessoas essa grande paixão pela China, plantar uma sementinha no coração de cada um deles. Nos casos de alguns, essa sementinha floresceu e fez com que muitos deles também fossem à China dar continuidade aos seus estudos da língua.

A China é rica demais para ser ignorada. Sua cultura e suas contribuições para a sociedade não são poucas, porém são pouco reconhecidas e valorizadas. Conhecendo esse gigante asiático de perto, me sinto impelida a levantar essa bandeira em prol do melhor entendimento sobre a China por parte do meu país. Como tradutora, pretendo fazer isso adotando uma postura ativista e militante nas minhas escolhas tradutórias, de modo a levar a cultura chinesa para mais perto do leitor brasileiro.

2. JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS

2.1. Escolha da Obra:

Meu contato com a China, sua língua e sua cultura se fez presente durante toda minha trajetória na universidade. Com o intuito de unir essa paixão pela China e minha profunda adoração pela tradução, escolhi traduzir um livro que apresentasse mais desse universo ainda pouco desbravado pelos ocidentais.

Na minha procura por uma obra que tratasse da China e que ainda não tivesse sido traduzida para o português, me deparei com o livro *Chinese Whispers – The True Story Behind Britain’s Hidden Army of Labour* escrito pela jornalista chinesa Pai Hsiao-Hung. Comprei o livro pela *amazon.com* e ele demorou à beça a chegar, mas assim que o tive nas mãos, não pude esperar para lê-lo. Minhas expectativas foram definitivamente alcançadas. As histórias relatadas no livro me tocaram muito e me deram grande vontade de tocar o coração dos leitores brasileiros também. Histórias assim merecem e devem ser compartilhadas.

A autora do livro, Pai Hsiao-Hung, nasceu em Taiwan e fez seu mestrado na University of Wales. Atualmente, ela é colunista para o jornal britânico *The Guardian* e também escreve para outras publicações britânicas. Seu livro *Chinese Whispers* conta a trajetória de diversos imigrantes chineses que saíram do seu país na tentativa de dar uma condição de vida melhor para sua família que ficara na China. O país escolhido como destino é o Reino Unido, país pelo qual sempre tive enorme interesse também.

Por meio da narrativa de Pai Hsiao-Hung, que mescla os gêneros jornalístico e literário, a obra permite entender melhor as condições de vida de muitos chineses em sua terra natal. Depois da abertura econômica de Deng Xiao Ping, muitos chineses perderam seus empregos devido à privatização, fechamento ou falência das empresas onde trabalhavam. Mais de 30 milhões de pessoas perderam seus empregos. No livro, podemos compreender melhor os motivos pelos quais muitos chineses saem da China com destino a países diversos na tentativa de lutar contra a pobreza e a fome.

Nos países ocidentais onde há presença de comunidades chinesas, é comum as pessoas comprarem em “feiras” onde tanto a mercadoria quanto o vendedor vêm da China. No entanto, esses compradores não fazem ideia dos motivos que levaram aqueles chineses a sair de sua pátria-mãe, da história de vida muitas vezes sofrida que essas pessoas têm, ou do complicado e perigoso esquema de tráfico por trás de um simples DVD pirata.

2.2. Como a obra foi recebida no Reino Unido:

O livro foi nomeado para o prêmio George Orwell ³ e obteve críticas positivas, em sua maior parte. O jornal britânico *The Independent* publicou uma crítica de Boyd Tonkin⁴ sobre o livro:

De um bordel em Cheam a uma fazenda de alface em Sussex e cozinhas em Soho, esse livro ousado e envolvente retrata a vida árdua do exercito clandestino de trabalhadores chineses no Reino Unido. Contando com o melhor da reportagem infiltrada e grande coragem, Chinese Whispers revela, por meio de uma pesquisa meticulosa, um inferno secreto cheio de medo e tormenta. Por todos os lugares por onde passa, Pai Hsiao-Hung descobre que a própria ilegalidade agrava a miséria. Gangues que atacam impunemente casas de “massagem”, garçons e garçonetes que ganham muito abaixo de um salário mínimo, trabalhadores invisíveis que adoecem em fábricas sem o mínimo de segurança. E o Reino Unido ainda repudia a convenção da ONU que visa a proteção de trabalhadores imigrantes. (The Independent, 2008)⁵

O IRR (Institute of Race Relations)⁶ publicou uma crítica no *Race & Class Journal* ⁷ dizendo:

Este livro, baseado nas experiências da jornalista infiltrada Pai Hsiao-Hung ao viver entre os trabalhadores ilegais chineses neste país, é uma leitura crucial para todos que lutam pelos direitos dos trabalhadores, exploração sexual e racial, globalização, tráfico e migração forçada. (2008)

Além disso, Pai Hsiao-Hung faz uso de termos e expressões chinesas na tentativa de apresentar e aproximar do leitor alguns elementos culturais e linguísticos de sua terra natal. Nessa tentativa, a autora usa termos em chinês devidamente transliterado para um sistema

³ Premiação fundada em 1993 por Sir Bernard Crick, considerado como um preeminente prêmio inglês para política escrita

⁴ Editor literário do *The Independent* e aclamado jornalista britânico.

⁵ Todas as citações de obras em inglês presentes neste trabalho foram traduzidas por mim. Original: “From a brothel in Cheam to a lettuce farm in Sussex and Soho kitchens, this brave and gripping book documents the harsh lives of the army of undocumented Chinese workers in the UK. Undercover reportage at its best, and bravest, Chinese Whispers lifts the lid – with scrupulous research – on a secret hell of fear and toil. Everywhere she goes, Hsiao-Hung Pai finds that illegality itself multiplies the misery. Gangs attack “massage” joints with impunity, waiters earn far below the minimum wage, invisible labourers fall sick in dodgy factories. And Britain still spurns the UN convention that aims to protect all migrant workers.”

⁶ O Institute of Race Relations é uma instituição com sede no Reino Unido formada em 1958 para publicação de pesquisas sobre as relações raciais no mundo. Em 1972 transformou-se em uma instituição antirracista.

⁷ O *Race & Class* é uma publicação acadêmica sobre racismo e imperialismo. Ela é publicada trimestralmente pela editora norte americana Sage Publications em nome da IRR.

alfabético, traz uma explicação literal do termo e, em seguida, o traduz para o inglês. Essa estratégia também me chamou atenção e aumentou meu interesse de trabalhar com o livro neste projeto.

2.3. A Obra: Histórias Polêmicas:

O Reino Unido é um dos muitos países desenvolvidos que até os dias de hoje se recusa a assinar a Convenção Internacional sobre a Proteção do Direito de Todos os Trabalhadores Migratórios e de seus Familiares, tratado criado pela ONU em 1990, que argumenta que os direitos humanos e certos padrões mínimos de bem-estar devem ser oferecidos para trabalhadores imigrantes mesmo quando não forem legalizados.

No Reino Unido, os “ilegais”, como os tabloides os chamam, não têm direito algum às políticas públicas. Catadores de mariscos morrem afogados, pessoas morrem de exaustão após trabalharem em turnos de 24 horas nas linhas de produção, e quase nenhuma providência é tomada. As famílias não recebem indenização e as organizações que bancam o comércio ilegal de mão-de-obra barata continuam crescendo e lucrando. Há iniciativas legais contra as gangues que traficam imigrantes ilegais para o Reino Unido, mas ainda pouco é feito para proteger os direitos daqueles “ilegais” que já entraram no país.

Pai Hsiao-Hung explica o motivo pelo qual vários trabalhadores chineses arriscam suas vidas para trabalhar no Reino Unido, praticamente forçados a sair da China devido às reformas implementadas com a abertura econômica da China e, posteriormente, com sua entrada na Organização Mundial do Comércio. Além disso, ela demonstra como os consumidores britânicos se beneficiam do trabalho desses imigrantes sem, muitas vezes, sequer saberem disso.

De Morecambe Bay a Thetford, de Kings Lynn a Manchester, de Hartlepool a Birmingham, existe um exército invisível de trabalhadores. A exploração horripilante de suas

vidas é exposta nessa obra, bem como as jornadas traiçoeiras nas quais embarcam para serem traficados da China para outros países, bem como as condições deploráveis que eles têm que enfrentar quando finalmente chegam ao seu destino.

Sem documentos e sem permissão, eles entregam suas vidas nas mãos de cruéis líderes de gangue na tentativa de poder oferecer melhores condições às suas famílias que ficaram na China. Eles são trabalhadores anônimos em restaurantes e fábricas, nas ruas e até no mar, que trabalham por longas e dolorosas horas para receberem um salário absurdamente baixo. Eles preparam as saladas que comemos no McDonald's, fazem os computadores e celulares da Samsung que nós usamos, bem como a grande maioria dos produtos que compramos. Nessa busca exaustiva e trabalhosa, a autora derruba máscaras e revela não apenas os nomes, mas também personalidades e trágicas histórias.

No livro podemos ler a história do Sr. Zhang, que trabalhou em um turno de 12 horas parafusando computadores e contando com apenas um intervalo de meia hora. O Sr. Zhang pediu por mais um intervalo, alegando dores insuportáveis nas costas e teve seu pedido negado. Na mesma noite, Zhang morreu de hemorragia deixando sua mulher desesperada à busca de informação sobre a morte do seu marido, e sem nunca receber indenização. Há até aqueles que, no desespero por trabalho, começam a trabalhar como catadores de mariscos em Morecambe Bay meses após mais de 20 dos seus compatriotas morrerem afogados. Talvez, o que mais choca o leitor são as revelações da autora sobre o cartel que controla a venda de DVDs piratas. Um vendedor levou uma surra, foi vendado, arrastado de seu apartamento e mantido cativo durante semanas por uma gangue que pedia 12.000 libras ou “sua família vai viver um inferno”. Seu crime? Sair do emprego de vendedor de DVDs piratas, um dos muitos que a gente vê pelas ruas trabalhando. Enfim, a jornada da autora revela um submundo de virar o estômago do leitor.

2.4. Metodologia:

Quando voltei ao Brasil e retomei minha vida acadêmica na Universidade de Brasília, comecei a pensar sobre meu projeto e o que eu gostaria de trabalhar como tema. Fiz uma busca na internet de livros em inglês que tratassem de assuntos relativos à China. Encontrei livros dos mais variados assuntos e me deparei com o livro de Pai Hsiao-Hung. Nele vi a oportunidade de trabalhar um tema que me interessava, mas só poderia ter certeza depois da leitura da obra. Quando chegou o livro, pude lê-lo e encontrar aspectos que pudessem ser relevantes para esse projeto. Após verificar que a obra não tinha tradução para o português, decidi que seria esse o livro a ser trabalhado no meu projeto.

Tomada essa decisão, comecei a tradução. No decorrer desse processo, pude conhecê-lo melhor do ponto de vista tradutório, e não apenas literário, o que permitiu iniciar minhas considerações a respeito das possíveis áreas da teoria da tradução a serem trabalhadas. Optei por traduzir o segundo capítulo, que conta a história de como a autora começou sua jornada como uma jornalista infiltrada, e parte do terceiro capítulo, que traz o dia-a-dia de trabalhadores estrangeiros em uma fazenda de alface, mostrando como imigrantes de diferentes países se comunicam mesmo sem falar bem o inglês, bem como a diferença de tratamento/pagamento que os trabalhadores chineses recebem em relação aos trabalhadores de países do leste europeu.

Uma das dificuldades é traduzir a maneira como os chineses chamam uns aos outros, que lhes é bastante peculiar. Em chinês, a palavra “lao” é usada na frente do sobrenome de alguém mais velho ou que deva ser tratado com maior respeito, e a palavra “xiao” é usada na frente de sobrenomes de pessoas mais novas. Dessa maneira, se, por exemplo, tivermos dois irmãos de sobrenome Li, o mais velho é chamado de “Lao Li” e o mais novo de “Xiao Li”. As palavras “lao” e “xiao” significam “velho” e “pequeno”,

respectivamente. Como fazer essa forma de tratamento soar mais natural para nós brasileiros? Esse foi mais um percalço da tradução da obra.

Outro fato que chamou minha atenção e também me deixou um tanto preocupada foi o nome da obra: *Chinese Whispers*. Em inglês, “chinese whispers” é uma brincadeira como o nosso “telefone sem fio”. A autora certamente fez essa escolha propositalmente, e traduzir o nome do livro mantendo essa relação de duplo sentido foi um grande desafio.

2.5. Objetivos

O ato tradutório extrapola o âmbito de mera transposição linguística mecânica ou um tipo de arte literária. Esses conceitos foram postos em cheque no período da Segunda Guerra Mundial, onde o domínio da língua inglesa se estabeleceu de forma definitiva. Hoje, o tradutor e sua obra já se tornaram uma “expressão cultural central, ao invés de produções derivativas, periféricas ou marginalizadas”⁸ (TYMOZCO, 2010 p. 3).

Devido às proporções globais da Segunda Guerra, era necessário criar um novo modo de ver a tradução, pois as variações linguísticas e culturais alcançaram um âmbito nunca antes visto. Além do fato de ter que abranger mais tipos de diferenças linguísticas e culturais, duas grandes preocupações moldaram a percepção da tradução durante a guerra: a necessidade de quebrar os complexos códigos culturais e linguísticos dos inimigos, bem como dos aliados; e a construção de produtos culturais que moldariam a opinião pública sobre as diversas culturas pelo mundo.

Nesse projeto, perante essas questões, também pretendo discutir o papel do tradutor como agente social. Acredito muito que o tradutor tenha um grande papel na mudança social e uma posição ativa na sociedade. Apenas com esse trabalho, não tenho a pretensão de causar grande impacto ou de mudar a maneira como a sociedade brasileira

⁸ Original: “(...)central cultural expression rather than as derivative, peripheral, or marginalized productions.

enxerga a questão do trabalho de imigrantes ilegais. Contudo, creio que uma semente possa ser plantada, levando à uma reflexão do papel dessas pessoas na sociedade atual, seja aqui no Brasil ou nos demais países.

3. REFLEXÕES TEÓRICAS

3.1. A Tradução no Mundo Pós-colonial:

3.1.1. O Conceito de Hibridismo:

A teoria pós-colonial, com o intuito de enunciar aquilo que outrora era negligenciado pelas correntes eurocêntricas, trouxe à prática da tradução a discussão de temas como desigualdade social, opressão colonial e autoritarismo, entre outros, proporcionando, desse modo, a pluralidade de vozes (TYMOZCO, 2000). O pós-colonialismo surge como uma forma de combater os efeitos da colonização e as novas formas de autoritarismo, dominação e opressão. Dessa maneira, essa teoria pode ser aplicada a diversas áreas do conhecimento, não ficando restrita aos meios acadêmicos.

Na área da literatura, Homi Bhabbha (2010), com seu conceito de hibridismo cultural, ocupa posição de destaque entre os teóricos pós-colonialistas. Bhabbha aborda a questão do hibridismo sempre a partir da perspectiva da linguagem e da identidade. Ele parte da ideia do hibridismo como um processo marcado por ambivalência e antagonismos resultantes da negociação cultural. Ele fundamenta seus estudos no embate entre colonizadores e colonizados. Para Bhabbha o hibridismo cultural é um processo “agonístico” e “antagonístico”, resultado do conflito e da tensão da diferença cultural.

Assim, o hibridismo em Bhabbha funciona como uma ameaça à autoridade colonial. Ele advém justamente da contestação do discurso hegemônico dominante no qual a autoridade do colonizador é subvertida pela ironia do colonizado, que exige que suas peculiaridades e divergências culturais sejam consideradas, criando, assim, um discurso híbrido. Para Bhabbha, o hibridismo não resolve o embate e o processo de tensão entre duas culturas, ele não é um novo elemento oriundo da junção entre duas matrizes culturais

distintas. O hibridismo é um processo resultante do choque entre tais matrizes e não um simples processo de adaptação e ressignificação cultural.

Outro acadêmico da área da literatura pós-colonial de grande destaque é o jamaicano Stuart Hall. Para Hall (2003) tendo observado em seus estudos a experiência diaspórica vivida por caribenhos rumo ao Reino Unido, a hibridização acontece no contexto da própria diáspora e no processo de tradução cultural que os indivíduos vivenciam na adaptação às matrizes culturais diferentes de sua origem. O autor propõe que

o hibridismo não se refere a indivíduos híbridos que podem ser contrastados com os “tradicionais” e “modernos” como sujeitos plenamente formados. Trata-se de um processo de tradução cultural, agonístico, uma vez que nunca se completa, mas que permanece em sua indelebilidade. (HALL, 2003, p. 73).

A tradução cultural definida por Stuart Hall (2000) é o processo de negociação entre novas e antigas matrizes culturais, vivenciado por pessoas que migraram de sua terra natal. Elas têm diante de si uma cultura que não as assimila e, ao mesmo tempo, não perdem completamente suas identidades originárias. Contudo, elas têm que dialogar constantemente com essas duas realidades.

Nesse contexto, o hibridismo não é um processo que traz ao sujeito a sensação de completude ao dialogar com outras culturas, mas seria o momento onde o sujeito percebe que sua identidade está em constante reformulação, ressignificação e reconstrução, num estado constante de assimilação e diferenciação para com o “outro”, indeciso sobre qual cultura melhor o representa.

Não é simplesmente apropriação ou adaptação; é um processo através do qual se demanda das culturas uma revisão de seus próprios sistemas de referências, normas e valores, pelo distanciamento de suas regras habituais ou “inerentes” de transformação. Ambivalência e antagonismo acompanham cada ato de tradução cultural, pois o negociar com a “diferença do outro” revela uma insuficiência radical de nossos próprios sistemas de significado e significação. (Bhabbha 1997 *apud* Hall, 2003, p.75)

Bhabbha e Hall ambos focam suas análises no processo de hibridismo que resulta do embate, mas que não traz consigo uma via de entendimento. O hibridismo também não

seria responsável por trazer ao sujeito uma sensação de completude, não seria simplesmente um processo de adaptação e readaptação às novas culturas e, sim, um árduo processo de tradução cultural.

No texto original utilizado nesse projeto, esse processo complexo de tradução cultural pode ser claramente identificado. Os imigrantes ilegais chineses encontram grande dificuldade de identificarem-se com a nova matriz cultural onde se inseriram. Esse processo tem dois agravantes. O primeiro seria a gigantesca barreira linguística que os chineses encontram sérios problemas para transpor. A grande maioria dos imigrantes ilegais chega ao seu destino sem saber falar a língua do país. Além disso, línguas tão distantes entre si, como é o caso de línguas europeias e asiáticas, apresentam dificuldades ainda maiores para serem assimiladas pelo sujeito inserido na nova cultura. O segundo agravante seria o motivo da imigração juntamente com a maneira como ela se dá. A diáspora dos chineses não acontece senão por necessidade. O principal objetivo é trabalhar para poder dar melhores condições de vida às suas famílias que permaneceram na China. Os imigrantes não têm intenção de aprender um novo idioma ou de fazer um intercâmbio cultural, o que dificulta ainda mais a assimilação dessa nova realidade cultural por parte dos chineses.

Na área da tradução, a teoria pós-colonial passou a ser aplicada não só nas novas traduções, como também em re-traduições de obras que anteriormente foram centradas no colonizador e que, posteriormente, passaram pelo “filtro” da teoria pós-colonial. Por séculos, a tradução foi um processo de mão única, com textos sendo traduzidos para línguas europeias e para o mercado de consumo europeu. Já na teoria pós-colonial, a tradução é vista como um processo de troca recíproca entre as forças dominantes (colonizadores) e os novos territórios (colônias) que se encontram em busca de sua identidade cultural e nacional, e o tradutor tem um papel importantíssimo no auxílio da formação de identidades culturais por meio de sua postura enquanto profissional e de suas escolhas.

3.2. A Visibilidade e Estrangeirização como Tática de Resistência

Venuti é um dos teóricos da área da tradução mais discutidos e citados nos últimos anos. Em seu livro *The Translator's Invisibility: A History of Translation* (1995), o tradutor e teórico norte-americano preocupa-se em denunciar a invisibilidade do tradutor. O tradutor torna-se invisível quando o texto traduzido é fluente. Porém, ao contrário do que se poderia imaginar, a tradução fluente pode não ser a ideal.

Para Venuti, existem dois fenômenos mutuamente determinados em uma tradução: (i) um efeito de transparência do discurso oriundo da manipulação da língua de tradução feita pelo tradutor, fazendo com que os leitores encarem a tradução como se ela houvesse sido originalmente escrita na língua-meta (o que Julianne House chama de “covert translation”); e (ii) o critério segundo o qual as traduções são produzidas e avaliadas, o que faz com que uma tradução seja considerada boa quando sua leitura é fluente, “quando a ausência de peculiaridades linguísticas ou estilísticas a faz parecer transparente, dando a impressão de refletir a personalidade ou a intenção do autor estrangeiro ou a essência do sentido do texto de partida” (2008, p.2). Em outras palavras, esses fenômenos dão a impressão de que o texto traduzido não é de fato uma tradução mas, sim, um texto autônomo, sem estranhamentos.

Uma tradução fluente, para Venuti, é aquela que apresenta características como sintaxe linear, sentido unívoco e linguagem atual, que emprega a norma padrão e evita polissemias, arcaísmos, gírias ou quaisquer outras soluções que chamem a atenção para a materialidade da língua. Dessa forma, a tradução fluente não chama a atenção do leitor para o próprio fato de que o texto é estrangeiro e fora traduzido. Por isso, diz-se que o tradutor torna-se invisível. Quanto à invisibilidade do tradutor, Venuti afirma que esta

portanto, é em parte um efeito estranho de sua manipulação da língua, um auto-aniquilamento que resulta do próprio ato da tradução como ele é concebido e praticado hoje [...] os tradutores não podem senão se opor a esta invisibilidade, não apenas porque ela constitui uma mistificação de todo o projeto da tradução, mas também porque ela parece estar relacionada ao baixo status ainda atribuído ao seu trabalho. (1995 p.111-112)

Dessa maneira, pode-se concluir que uma tradução onde o tradutor se encontra invisível, castra a sua autonomia enquanto profissional. Permitir que um texto deixe transparecer seu caráter de texto traduzido é algo desejável no processo tradutório de um profissional que deseja se afirmar como um ser pensante, dotado de opiniões próprias. Por isso, no capítulo “Invisibility”, Venuti afirma que o objetivo de sua obra é “tornar o tradutor mais visível, de modo a combater e mudar as condições sob as quais a tradução é teorizada, estudada e praticada hoje, particularmente em países de língua inglesa” (1995, p. 13).

A estratégia de fluência que ele tanto critica busca apagar a intervenção do tradutor no texto traduzido e anula a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro. Este é reescrito no discurso transparente que predomina na cultura receptora e é revestido de valores, crenças e representações sociais dessa cultura. No processo de reescrita, a busca da fluência realiza um trabalho de aculturação que domestica o texto estrangeiro, tornando-o inteligível (familiar) ao leitor do texto traduzido, propiciando-lhe a experiência de reconhecer sua própria cultura em um texto advindo de uma cultura estrangeira.

Para contrapor-se a esse reconhecimento, Venuti propõe o recurso da “fidelidade abusiva”, que implica uma rejeição da fluência que domina o cenário vigente da tradução em prol de uma estratégia oposta, de resistência, que impede o efeito ilusionista de transparência no texto traduzido e torna visível o trabalho do tradutor. Em sua função política e cultural, ele ajuda a preservar a diferença linguística e cultural do texto estrangeiro ao produzir traduções estranhas, pouco familiares, que demarcam os limites dos valores dominantes na cultura da

língua-meta e que evitam que esses valores promovam uma domesticação imperialista do “Outro” (cf. VENUTI, 1992, p.12-13)

Além disso, na sua discussão a respeito da invisibilidade, Venuti retoma os dois tipos de estratégia tradutória delineados por Friedrich Schleiermacher em 1813. Segundo Schleiermacher, o “verdadeiro tradutor, aquele que realmente pretende levar ao encontro essas duas pessoas tão separadas, seu autor e seu leitor” (VENUTI, 2001, p. 43), pode tomar dois caminhos: ou “deixa o autor em paz e leva o leitor até ele; ou deixa o leitor em paz e leva o autor até ele”. Com isso em mente, Venuti cunhou dois termos: o da *estrangeirização* (distanciamento) e o da *domesticação* (aproximação).

A adoção da estratégia da estrangeirização leva à seleção de textos estrangeiros e de estratégias tradutórias normalmente excluídas pelos valores culturais dominantes na língua de tradução, combatendo, assim, a ideologia domesticadora. Venuti também se refere à *estrangeirização* como uma estratégia de “resistência”, por ser um estilo de tradução que cria um distanciamento, com vistas a tornar visível a presença do tradutor ao ressaltar a identidade estrangeira do texto-fonte e poupá-la da dominação ideológica da cultura receptora.

Em *The Scandals of Translation: Towards an Ethics of Difference* (1998), Venuti retoma e aprofunda as reflexões desenvolvidas na obra anterior reiterando a defesa de uma prática estrangeirizadora e de resistência. O autor justifica sua atração pelas literaturas menores em seus projetos de tradução, dizendo que prefere traduzir textos estrangeiros que apresentam “status de minoridade em suas culturas, uma posição marginal em seus cânones nativos – ou que, em tradução, possam ser úteis na minorização do dialeto-padrão e das formas culturais dominantes no inglês americano” (2002, p.26). No entanto, faz questão de frisar que essa preferência provém parcialmente de uma agenda política de oposição à hegemonia global da língua inglesa, uma vez que a “ascensão econômica e política dos Estados Unidos reduziu as línguas e as culturas estrangeiras a minorias”. Portanto, a prática

estrangeirizadora e o projeto minorizante de Venuti têm como objetivo abalar o domínio global da língua inglesa adquirindo um caráter militante e de resistência.

Outro aspecto importante de *The Scandals of Translation*, é a ênfase que o autor dá a questões e situações relacionadas à tradução classificadas como “escândalos”, que podem ser de natureza cultural, econômica e política. Diz o autor que “a pressuposição inicial deste livro é talvez o maior escândalo da tradução: assimetrias, injustiças, relações de dominação e dependência existem em cada ato de tradução, em cada ato de colocar o traduzido a serviço da cultura tradutora” (2002, p. 15). A tradução, ele aponta, “é estigmatizada como uma forma de escrita, desencorajada pela lei dos direitos autorais, depreciada pela academia, explorada pelas editoras e empresas, organizações governamentais e religiosas” (ibid., p. 10). Porém, a maior fonte potencial de escândalo relacionado à tradução é a formação de identidades culturais, visto que “a tradução exerce um poder enorme na construção de representações de culturas estrangeiras”.

Ao mesmo tempo que a tradução tem o poder de transportar atitudes ideológicas, ela pode ser usada como uma ferramenta de resistência ao apagamento de diferenças culturais, sendo que o seu estudo pode ser uma forma de revelar essas atitudes e de incentivar que se use o processo tradutório para desafiar posturas hegemônicas diante da sociedade. Essa função de resistência pode ser colocada em prática por meio de projetos tradutórios que consigam alterar “a representação parcial das culturas estrangeiras que marginalizam outras comunidades domésticas” (VENUTI, 2002, p. 158).

Venuti argumenta que a estrangeirização “possibilita uma ruptura dos códigos culturais da língua meta”⁹ e registra “as diferenças linguísticas e culturais do texto estrangeiro”¹⁰ (Venuti 1995). Em casos onde a literatura de um país não dominante é inserida

⁹ Original: “enables a disruption of target-language cultural codes”

¹⁰ Original: “the linguistic and cultural differences of the foreign text”

em uma cultura já proeminente, como no caso dos Estados Unidos ou da Europa, essa estratégia de “estrangeirização” tem um efeito de combate à dominação cultural, tornando-se um caso de tradução ativista.

Contudo, tal efeito não pode ser generalizado. Em culturas menores, já abarrotadas de produtos estrangeiros e que sofrem imposições linguísticas eurocêntricas, a estratégia de “estrangeirizar” pode atrapalhar essa cultura na formação da sua própria identidade linguística e cultural. Nesses casos, a postura ativista do tradutor, promulgando e divulgando culturas, registros e narrativas já dominantes, deve ser repensada e devidamente dosada.

As considerações de Venuti a respeito da visibilidade desejável do tradutor e da aplicação da estrangeirização como forma de resistência levantam uma questão: como o tradutor, ao optar pela estrangeirização, pode se fazer visível sem que haja, de fato, traduzido o termo? Ora, o tradutor opta por estrangeirizar não por imperícia ou falta de conhecimento linguístico, mas porque acredita que a manutenção do termo na língua original trará o leitor em contato direto, mesmo que pontual, com um novo sistema linguístico e cultural que transmite a identidade de um país ou de um povo.

A opção de introduzir termos intrínsecos a comunidades culturais distintas começa, claramente, com o autor, e cabe ao tradutor dar continuidade à essa vontade. Essa prática é fortemente presente na obra de alguns autores africanos, símbolos da literatura pós-colonial, como Chinua Achebe e Ngugi wa Thiong’o, que usam termos em línguas tribais africanas (Igbo e kikuyu, respectivamente) em suas obras escritas em língua inglesa. No caso de Achebe, em sua primeira obra *Things Fall Apart*, o autor fornece um glossário dos termos em igbo e seus significados, no intuito de treinar seu leitor no idioma, preparando-o para leituras posteriores de suas obras. Assim, nos textos de Achebe, o uso de um enorme número de palavras estrangeiras é claramente proposital.

No texto original utilizado para esse projeto, a autora introduz ao leitor britânico diversos termos e palavras da língua chinesa. A intenção de mostrar a cultura do seu país de origem, que ainda é pouquíssimo conhecida nos países ocidentais, é certamente imbuída de um caráter pós-colonial e militante. No entanto, a autora traz esses termos juntamente com a tradução, a explicação e, às vezes, a palavra equivalente em língua inglesa, se houver. Adotando essa abordagem menos radical, a autora oferece uma “colher de chá” ao leitor de língua inglesa, tornando desnecessária a consulta do termo em outras fontes. O uso desses termos chineses ajuda a autora a ilustrar o que ela não consegue traduzir à sua audiência britânica.

Em minha tradução, não pude ignorar essa escolha da autora e também mantive os termos em chinês. O leitor brasileiro, talvez saiba até menos que o leitor britânico sobre a China, sua língua e cultura, de forma que a manutenção desses termos introduz brevemente um cultura marginalizada aos leitores do texto traduzido.

Dentro desse contexto da tradução pós-colonial, é pertinente refletir também sobre o tradutor militante e a tradução ativista. O tradutor se faz visível através de suas escolhas e tais escolhas se dão levando em consideração a motivação e o objetivo do tradutor. Dessa maneira, em textos de caráter social, onde o autor da obra original trata de assuntos que proponham uma mudança de pensamento e/ou trate de assuntos polêmicos, as escolhas do tradutor podem, sim, serem imbuídas de determinado ativismo e militância.

3.3. A Tradução Ativista

Já vimos com as reflexões anteriores que a visibilidade do tradutor através de suas escolhas juntamente com a intenção de se opor à uma suposta força dominante, opressora e excludente confere ao tradutor e à sua obra um caráter de resistência e ativista. Por trás do conceito de ativismo, há um sentido implícito de que cada um tem a responsabilidade inerente

para com as condições sociais. Essa é uma concepção fundamental de que cada pessoa é responsável pelo status da sociedade, pela manutenção do contrato social e pela justiça dentro e fora de seu país. Por isso, ao adotar um caráter ativista, deve-se agir também com muita cautela a fim de evitar excessiva tendenciosidade e perda de credibilidade.

De acordo com Maria Tymoczko (2000) em *Translation, Resistance, Activism: An Overview*,

a tradução é, portanto, um processo metonímico onde tradutores tomam decisões, priorizando suas traduções por meio de um processo que tem implicações ideológicas. As escolhas do tradutor também estabelecem um lugar de enunciação e um contexto onde o tradutor e a tradução estejam afiliados. O resultado é que o ato de escolher na tradução envolve inevitavelmente valores, éticas e responsabilidade. Da mesma forma, pois culturas são heterogêneas e incluem diferentes perspectivas sobre valores e responsabilidade, as traduções são sempre potencialmente controversas e potencialmente alvo de conflito e contestação. Tais aspectos da tradução estão evidentes acima de tudo na tradução de cunho ativista¹¹

A palavra “ativismo”, muitas vezes, pode nos remeter a protestos sociais, revoluções, marchas e às vezes até violência. No período em que essa palavra ganhou destaque, na década de 60 e 70, a grande insatisfação popular levou as pessoas às ruas, e tais demonstrações eram parte do cenário político e social em vários países do mundo. Manifestações dessa natureza foram referidos como sendo “ativistas” por muito tempo, contudo o termo hoje em dia pode ser usado para outras formas de envolvimento políticos, menos impactantes, menos dramáticos e associados a causas políticas menores.

O tradutor, em sua tradução, não pode argumentar de forma a resistir, se opor ou tentar mudar assuntos polêmicos, seja na cultura-fonte ou na cultura-alvo. Contudo não se pode negar o caráter ideológico da tradução, pois os tradutores tomam decisões sobre valores

¹¹ Original: Translation is therefore a metonymic process, and translators make choices, setting priorities for their translations in decision-making process that have ideological implications. Translators' choices also establish a place of enunciation and a context of affiliation for the translator and the translation. The result is that choice in translation inevitably involves values, ethics, responsibility. At the same time because cultures are heterogeneous and include different perspectives on values and responsibility, translations are always potentially controversial, potentially subject of conflict and contestation. These aspects of translation are nowhere more evident than in translation with an activist edge.

e instituições as quais eles apoiam ou se opõem, determinando estratégias ativistas e levantando sua bandeira. Tais escolhas estão pautadas em uma realidade onde o tradutor e sua obra estão inseridos.

Tradutores e intérpretes moldam suas palavras e seus textos de acordo com as necessidades do momento. De modo geral, o favoritismo do tradutor resulta da parcialidade na tradução, que é, por definição, um aspecto inevitável da metonímia de qualquer processo tradutório, e parcialidade em atividades de resistência ou ativistas. Tal parcialidade não é um defeito, uma falha ou uma ausência na tradução; é um elemento necessário na tarefa do tradutor de tomar decisões e decidir quais partes específicas de um texto ou uma cultura devem ser transpostas, representadas ou construídas no texto alvo. As parcialidades são o que diferenciam as traduções, possibilitando-as a participar da dialética do poder, do processo de discurso político vigente e de estratégias para mudança social. Essa flexibilidade torna o ato tradutório engajado e compromissado, seja implícita ou explicitamente, mesmo quando os tradutores não têm intenção de serem ativistas.” (TYMOZCKO, 2000, p. 9)

Caso um tradutor, ou mesmo um autor ao escrever sua obra, se envolva em atividades que tenham como objetivo reforma linguística, mudança cultural e construção de uma identidade nacional, ele agirá em detrimento de motivações de cunho ativista, visando melhorar sua sociedade, ajudando a cultura a tomar novos rumos e a adaptar-se.

Mona Baker no artigo *Translation and Activism* (2006) comenta alguns projetos de profissionais que se organizaram e criaram grupos de tradutores com intuito de traduzir conteúdos fora das instituições sociais dominantes. Ela traz alguns nomes dessas organizações que traduzem para grupos ativistas e humanitários, como é o caso do *Peace Brigades International*¹², *Front Line Defenders*¹³, *Translators for Peace*¹⁴, *ECOS*¹⁵ (Traductores e Intérpretes por lá Solidariedad) e *Translation Without Borders*¹⁶.

Baker também afirma que o número de tradutores profissionais e amadores dispostos a elaborar e promover “narrativas alternativas” que possam desafiar o “grupo opressor” vem crescendo significativamente. A autora também dá exemplos de tradutores a

¹² <http://www.peacebrigades.org>

¹³ www.frontlinedefenders.org

¹⁴ <http://www.tradutoriperlapace.org>

¹⁵ <http://www.ecosfti.tk>

¹⁶ <http://www.tsf-twb.org>

serviço de exilados que recorrem às suas sentenças. Para tal, Baker cita o trabalho de Robert Barksy *The Interpreter as Intercultural Agent in Convention Refugee Hearing*, que defende que o sistema de asilo político funciona contra os requerentes, muito embora suas reivindicações sejam válidas. Ele descreve como os intérpretes e tradutores que trabalham dentro do sistema muitas vezes elaboram a declaração do requerente, adicionando detalhes que eles mesmos ficaram sabendo antes da audiência. Os intérpretes, trabalhando para requerentes prejudicados de alguma maneira que não são bem representados pelos seus advogados e pelo sistema como um todo, podem, às vezes, intervir na falta de habilidades de expressão do requerente. Barksy afirma que, de fato, uma das funções dos tradutores nesse caso é “tão simples como contar uma boa história” (1996, p.57). Contudo, intervenções muito óbvias podem ser usadas contra o tradutor para tachá-lo de tendencioso e, por consequência, indigno de confiança, o que repercutiria em sua credibilidade e na de suas traduções.

No caso da obra traduzida neste projeto, a autora utilizou termos chineses devidamente transliterados para o alfabeto latino. Ela explica a origem dos termos, bem como seus significados. Tal estratégia não foi escolhida senão para introduzir uma cultura ainda considerada subdesenvolvida em uma outra cultura, maior e mais consolidada. A autora chinesa se valeu de sua autonomia para apresentar sua cultura a leitores de um país onde pouco se sabe sobre a China. Como tradutora, munida da vontade também de apresentar um pouco da cultura chinesa aos leitores brasileiros, eu não poderia ignorar essa estratégia adotada pela autora. Contudo, em um momento da minha tradução, houve um caso onde a minha militância foi além da própria autora. Às vezes, a autora faz uso de alguns termos em chinês apenas uma vez e logo fornece uma tradução para o inglês. No entanto, na minha tradução, eu preferi manter o termo em chinês durante todo o texto, mas nunca sem explicá-lo inicialmente por meio de nota de rodapé. Munida do ímpeto de introduzir informações à

respeito da China ao leitor brasileiro, leigo quando se trata de cultura chinesa, o uso dessa estratégia exemplifica bem o caráter ativista que quis adotar em minha tradução.

4. RELATÓRIO

4.1. Chinese Whispers: O Título e Suas Nuances

Em inglês, chinese whispers é o termo usado para se referir à brincadeira que aqui no Brasil chamamos de “telefone sem-fio”. Contudo, percebi que, ao contar esse fato para amigos e colegas de curso, pouquíssimos sabiam dessa informação. Sem esse conhecimento, “chinese whispers” parece ser facilmente traduzível para “sussurros chineses”, ou “suspiros chineses”, ou algo que seguisse essa linha de pensamento. Eu mesma não sabia, antes de comprar o livro e fazer minha pesquisa sobre ele, que o termo em inglês se referisse a um jogo tão popular aqui no Brasil. Depois de obter essa informação, meu impasse tornou-se ainda maior quanto à tradução do título da obra.

A autora certamente fez esse jogo de palavras propositalmente. Os sussurros e lamúrias das pessoas retratadas no livro, juntamente com a grande dificuldade de comunicação dos chineses no país estrangeiro, causadora de mal-entendidos e interpretações equivocadas, torna a escolha do título da obra em inglês muito pertinente e inteligente.

Na minha tradução, não cogitei a hipótese de traduzir o título como “telefone sem-fio”. Tal escolha traria um tom jocoso ao nome do livro, e essa não é minha intenção. Então, como manter esse duplo sentido? Devo mantê-lo a qualquer custo, ou esse jogo de palavras seria impossível em português?

Resolvi deixar de lado o “telefone sem-fio”, focando mais na palavra “whisper” e seus significados. Lembrei-me que “whisper”, em determinado contexto, pode significar “rumor”, “especulação” como na frase “I heard a whisper that he's been selling coins lately.” Com isso em mente, pensei se “rumores” seria uma boa escolha. No livro, as histórias dos sofrimentos e dificuldades dos imigrantes chineses não passam de rumores, boatos para a sociedade britânica. Dessa maneira, optei finalmente pela tradução “Rumores Chineses”.

4.2. Tradução de Pronomes de Tratamento do Chinês para o Português

Texto Original	Texto Traduzido
In this house in Thetford, Lin's brother was known as Lao Lin (which means older Lin), and Lin was known as Xiao Lin (younger Lin)	Nessa casa em Thetford, o irmão de Lin era conhecido como Lao Lin e Lin era conhecido como Xiao Lin.

A tradução de pronomes de tratamento de chinês para qualquer outra língua com origem diferente apresenta grande dificuldade para o tradutor. Há vários meios de mostrar respeito para alguém com quem se comunica ou a quem se refere. O uso de palavras como *lao* e *xiao* antes do sobrenome indica certa intimidade. Geralmente, esse uso se dá quando é necessário diferenciar a pessoa mais velha das pessoas mais novas. Por exemplo, se na mesma empresa há dois funcionários com o sobrenome Li (sobrenome muito comum na China) o funcionário mais velho será chamado de *Lao Li* e o mais novo de *Xiao Li*. Literalmente, *Lao* e *Xiao* em chinês significam “velho” e “pequeno”, uma relação semântica não antagônica em nossa língua. Procurei referências em português de traduções diretas do chinês onde houvessem soluções de tradução para esse empasse. No entanto, minha busca não foi bem sucedida, e parti para uma busca em inglês. Em um artigo da professora chinesa Yang Chunli *Translation of English and Chinese Addressing Terms from the Cultural Aspect*, ela apresenta possíveis soluções para esse impasse

Há várias maneiras de mostrar respeito às pessoas envolvidas na comunicação. O primeiro é por meio do uso de *lao/xiao/xing* para mostrar intimidade e aproximar as pessoas, que geralmente é usado pela pessoa mais velha para se referir aos mais novos ou pessoas da mesma geração como *lao wang*, *xiao li*. Geralmente, é

traduzido para o inglês como Velho/Pequeno seguido do nome da família, como Velho Wang e Pequeno Li.¹⁷

Lao Li e Xiao Li ficariam, respectivamente, em inglês Old Li e Little Li. No texto original de *Chinese Whispers* a autora usa os termos Older e Younger, mas não em todos os casos, o que me pareceu uma falha em sua estratégia. A minha solução de tradução, por sua vez, não segue a linha das soluções encontradas pela professora chinesa e pela autora. Ao invés de usar termos como “velho”, “novo”, “pequeno” e “grande”, resolvi manter esse elemento cultural tão forte e tão presente na cultura chinesa, explicando a diferença dos termos por meio de notas de rodapé. Dessa maneira, pude trazer uma novidade para o leitor brasileiro com relação à China e seus costumes. A nota de rodapé traz: “Na China, para diferenciar pessoas com o mesmo sobrenome, o que é muito comum, os chineses adicionam as palavras Lao (velho) e Xiao (pequeno) levando em consideração suas idades.”

4.3. Traduzir ou Não Traduzir? Eis a questão.

Texto Original	Texto Traduzido
Lin walked in without saying good morning. ‘Don’t touch rubbish like that,’ he said to me. He got out his wok and some fresh squid. He chopped some onions and Chinese cabbage, and cooked	Lin entrou na cozinha sem dizer bom dia. “Nem toque nessa porcaria,” ele me disse. Ele pegou sua wok e um pouco de lula fresca. Ele picou um pouco de cebola e repolho chinês e cozinhou tudo com

¹⁷ Original: There are several ways to show the respect to the other person involved in the communication. First, using *lao/xiao/xing* to show intimacy and shorten the distance, which are mainly used by the senior to refer to the junior or among people in the same generation such as *lao wang, xiao li*. It is generally translated into Old/Little +Family name, such as Old Wang, Little Li.

them all with noodles .	talharim .
--------------------------------	-------------------

Nesse primeiro excerto temos dois elementos da culinária chinesa que estão mais presentes em países onde a presença chinesa é maior. Se perguntarmos para um americano o que é um “wok” ele certamente saberá o que é; no Brasil, pouquíssimas pessoas conhecem o “wok”. A palavra não vem do mandarim, mas sim do cantonês, e foi essa forma que se difundiu fora da China. Por ser um elemento cultural fortemente asiático, a palavra não encontra equivalente em português. Havia a possibilidade de traduzir “wok” simplesmente como “panela”, contudo, muito se perderia com essa escolha. O fato deles usarem o “wok” e não qualquer outra panela para cozinhar seus pratos, mostra o quão difícil é para os chineses se acostumarem com o estilo de vida europeu. Eles usam utensílios chineses para fazerem comida chinesa diariamente. Além disso, manter a palavra no original introduz ao leitor brasileiro mais um elemento ainda desconhecido sobre a cultura chinesa.

No caso da palavra “noodles”, fiquei em dúvida entre mantê-la ou traduzi-la. Aqui no Brasil, nem todos saberiam o que é “noodles”, as que já ouviram, acham que “noodles” é como o macarrão instantâneo. Esse erro é comum, mas ainda assim é um erro. O “noodles” referido no livro é aquele macarrão que tem a mesma forma do macarrão instantâneo, mas não fica pronto em apenas 3 minutos como o outro. Nos mercados do Brasil, podemos encontrá-lo facilmente pelo nome “talharim”. Por esses motivos, resolvi traduzi-lo como “talharim”.

Texto Original	Texto Traduzido
<p>‘Mahjong! Majong! Who’s going to come and play?</p> <p>Zhang was calling from the front room.</p> <p>All the housemates were gathered there, talking, smoking and trying to pick up a bit of English by watching <i>Coronation Street</i>. The mahjong table was laid out, ready.</p>	<p>“Mahjong! Mahjong! Quem quer jogar?”</p> <p>Zhang chamava da sala da frente. Todos os colegas estavam reunidos lá, conversando, fumando e tentando entender um pouco de inglês assistindo <i>Coronation Street</i>. A mesa de mahjong foi posta.</p>

Nesse excerto há duas alusões a elementos da cultura popular da China e do Reino Unido. O primeiro se refere a um jogo de tabuleiro muito popular na China: o *mahjong*. Esse jogo de tabuleiro é tão popular para os chineses quanto os jogos de cartas para os ocidentais. No entanto, no Brasil, quase ninguém ouviu falar desse jogo e nota de rodapé se fez necessária: “Mahjong é um popular jogo de tabuleiro jogado na China e um dos principais divertimentos dos chineses.”

A segunda alusão é à novela britânica *Coronation Street*. A novela já faz parte da vida de muitos britânicos e está no ar há mais de 50 anos e é, obviamente, muito popular. Devido à grande popularidade do programa, haveria uma opção de adaptar para um programa que no Brasil fosse igualmente popular. Contudo, dessa maneira o objetivo pelo qual os chineses assistiam *Coronation Street* (aprender um pouco da língua inglesa) não seria passado.

Texto Original	Texto Traduzido
Every now and then we came across a	De vez em quando, encontrávamos

packet of liver, bacon, or chicken jalfrezi in one of the containers.	pacotes de jalfrezi de fígado, bacon ou frango em uma das embalagens.
--	--

A comida indiana é muito presente no Reino Unido devido ao grande número de imigrantes advindos da Índia. *Jalfrezi* é um prato da culinária indiana feito com curry, carnes variadas e vegetais. No Brasil, a culinária indiana ainda é pouco difundida e temos poucos conhecimento sobre o assunto. Eu mesma necessitei fazer uma rápida busca para entender o que era a palavra. Dessa maneira, fez-se necessária novamente uma nota de rodapé: “*jalfrezi* é um prato típico indiano feito com curry, carne picada e vegetais.”

Texto Original	Texto Traduzido
‘Look: bargains!’ We bought ten packets of pork stuffing for £1, twenty pack of sausages for £1, and a large box of corned beef for 50p.	“Olha, só: promoções!” Compramos dez pacotes de carne moída de porco por £1, vinte pacotes de salsicha por £1 e um pacote grande de corned beef por 50 centavos.

O *corned beef* não é novidade para alguns poucos brasileiros. Quando eu era menor, meu pai vendia embalagens para frigoríficos. Um dos frigoríficos tentou introduzir o *corned beef* no mercado brasileiro. A tentativa não obteve muito sucesso e, hoje em dia, o produto, apesar de ser possível encontrar em alguns supermercados, ainda é estranho à maioria da população. Confesso que não fosse pelo trabalho do meu pai, eu mesma, muito provavelmente, nunca teria sabido da existência do *corned beef* já que nunca tive contato com o produto. O *corned beef* é uma carne bovina tratada em salmoura com grãos de sal (que em inglês se chamam *corn*), posteriormente, a carne é fervida em vinagre e geralmente é

encontrada enlatada (talvez seja essa a razão do insucesso do produto no Brasil, já que não temos o hábito de comer carne enlatada). O dicionário Houaiss na página 839 traz a entrada *corned beef*. Isso significa que a palavra é, sim, conhecida por um número considerável de brasileiros. Com isso, mantive o termo mesmo em inglês.

4.4. Demais Impasses e Soluções

Texto Original	Texto Traduzido
<p>Since Dad went to work in England, Mum and I have been missing him all the time. If he stops calling for a few days, we can't sleep well. Dad isn't young any more, and he's alone in a foreign country. It's all because of me. What an unworthy daughter I am! Dad wants me to go to university and have a good life. He's making Money for me. We haven't been in a photo together for five years. That's how long he's been gone. When other families are reunited over the New Year, we have only sorrow, and worries for Dad.</p>	<p>Desde o dia em que Papai foi trabalhar na Inglaterra, Mamãe e eu sentimos sua falta o tempo todo. Se ele passa alguns dias sem ligar, não dormimos bem. Papai não é mais jovem e está sozinho em um país estranho. E é tudo por minha causa. Não sou digna do pai que tenho! Papai quer que eu vá para a universidade e que eu tenha uma boa vida. Ele está ganhando dinheiro pra mim. Não tiramos uma foto juntos há cinco anos. Faz esse tempo todo que ele se foi. Quando as famílias se reúnem para o Ano Novo Chinês, nós apenas ficamos tristes e preocupados com papai.</p>

Para os chineses, principalmente os do interior da China, o mundo ocidental é um universo quase que alienígena. Com isso em mente, no contexto do excerto acima, o termo

“foreign country” me faz sentir que a pessoa quis dizer mais do que “país estrangeiro”, que a grande preocupação dela era o pai estar em um país onde tudo lhe é estranho, completamente diferente de tudo o que ele estava acostumado na China, por isso, ao traduzir, optei por “país estranho” para passar melhor essa ideia.

Ao traduzir “what an unworthy daughter I am” pensei na estranheza que uma tradução direta possivelmente possa ser passada com uma tradução mais direta. A palavra “unworthy” pode ser traduzida como “indigna” em português. No entanto, preferi me ater mais ao sentido de “unworthy” como “aquele que não merece/que não é digno de algo” e traduzi como “não sou digna do pai que tenho.” Fiquei muito contente com essa solução.

O terceiro termo em negrito é “New Year”. Para muitos tradutores, principalmente aqueles que não têm nenhum conhecimento sobre a China, a tradução para o português como “Ano novo” parece óbvia e descomplicada. Contudo, tendo morado na China e sendo uma grande admiradora da cultura, eu sei bem que para os chineses a virada do dia 31 de dezembro para o dia 1º de janeiro pouco ou nada significa. O “Ano Novo” referido no excerto é, certamente, o festival mais importante da cultura chinesa: o Ano Novo Chinês (春节) que acontece em fevereiro.

Texto Original	Texto Traduzido
Zhang Guo-Hua’s death was a shocking testimony to the reality behind the facade of ‘multicultural Britain’. Yet before his demise became known to the world, another tragedy unfolded at Morecambe Bay, with more loss of lives. While the whole country was slow to make sense of	A morte de Zhang Guo-Hua foi uma chocante confirmação da realidade por trás da fachada do “Reino Unido multicultural”. Contudo, antes que seu trágico falecimento se tornasse público, outra tragédia aconteceu na Baía de Morecambe e com um maior número de

the deeper causes of the worker's deaths, the British Chinese community remained largely silent. It was almost as if the deaths were not relevant because they were seen as the tragedy of another class.	vítimas. Enquanto o país inteiro demorava a entender as misteriosas causas das mortes dos trabalhadores, a comunidade de chineses no Reino Unido permaneceu calada, em sua maior parte. Era quase como se as mortes não fossem relevantes por ser uma tragédia envolvendo uma outra classe.
--	--

Um dos sentidos da palavra “testimony” em inglês é “affirmation”. No entanto, eu optei pela palavra “confirmação” ao invés de “afirmação”, pois a realidade e seu gosto amargo já era algo de que os chineses tinham consciência. A morte de Zhang foi apenas uma confirmação de algo que já lhes era sabido.

A palavra “demise” tem dois sentidos principais em inglês. Um deles é “death” o outro é “colapse”. Na intenção de juntar esses dois sentidos, traduzi-a como “trágico falecimento”, levando em consideração, também, as terríveis condições da morte de Zhang.

Se traduzirmos “British Chinese community” para o português como “Comunidade chinesa britânica” podemos causar um certo estranhamento do leitor e uma possível ambiguidade. Primeiramente, ao longo da minha tradução, optei por usar “Reino Unido” ao invés de “Grã-Bretanha”, pois o primeiro pode ser referido como país (enquanto o segundo se refere à ilha) e é um termo mais usado aqui no Brasil. Para evitar quaisquer ambiguidades e discussões relativas ao assunto, optei por traduzir para “comunidade chinesa no Reino Unido”.

Texto Original	Texto Traduzido
----------------	-----------------

I resolved to set out on a journey into the hidden world of exploitation to discover what could allow such tragedies to happen. I wanted to give a voice to these workers. How could I gain genuine insight into the lives of the most marginalized group in Britain?	Resolvi começar uma jornada no mundo secreto da exploração a fim de descobrir o que causava tantas tragédias. Eu queria dar voz a esses trabalhadores. Como eu poderia alcançar pleno entendimento das vidas do grupo mais marginalizado do Reino Unido?
--	---

Nessa parte, tenho que confessar que a escolha de traduzir “gain genuine insight” para “alcançar pleno entendimento” foi a primeira coisa que me passou à cabeça por ser uma frase que falamos com frequência aqui no Brasil. Segui esse ímpeto inicial e traduzi dessa forma. Creio que transmite muito bem a ideia do texto original.

Texto Original	Texto Traduzido
‘This agency gets all kinds of work,’ the woman said. ‘ Factory work, farm work, domestic work like babysitting... ’ ‘But I have no proper papers.’ She replied without looking up from her desk. ‘You pay us an introduction fee of £200 for placing you in a job, and we’ll do all the paperwork for you.’	“Essa agência arranja todo tipo de trabalho,” ela disse, “ Em fábricas, fazendas, trabalhos domésticos como cuidar de crianças... ” “Mas eu não tenho documentos.” Ela sem nem levantar os olhos da mesa. “Você nos paga uma taxa inicial de £200 para lhe arrumar um trabalho e nós corremos atrás da papelada pra você.”

Na minha tradução da primeira parte em destaque, optei por omitir a palavra “trabalho” que já havia sido mencionada anteriormente. Em inglês, a palavra “work” é bem curta e sua repetição (como no caso do texto original) não causa tanta estranheza para o leitor anglófono, mas “trabalho” é uma palavra grande na língua portuguesa que, repetida em demasia em períodos curtos, causa uma dificuldade de uma leitura mais fluida.

No caso de “she replied without looking up from her desk”, a tradução direta “ela respondeu sem olhar acima da mesa” não faria muito sentido para nós brasileiros, por isso traduzi como “sem nem levantar os olhos da mesa”. O acréscimo da palavra “nem” enfatiza a indignação que a pessoa sentia por causa do desdém da funcionária.

Conversando com Mark sobre se deveria, ou não, converter os valores do livro (que aparecem em RMB¹⁸ e em libra) para o real, chegamos ao consenso de que essa conversão não seria necessária por não atrapalhar o entendimento do texto e pela libra ser uma moeda muito conhecida e importante mundo afora.

Na tradução de “do all the paperwork” a opção “corremos atrás da papelada” me pareceu natural e instintiva por ser uma expressão muito usada aqui no Brasil.

Texto Original	Texto Traduzido
‘Some of these back-street agencies aren’t even registered companies,’ said Mr Li. ‘ We old-timers know they’re no good. Only the very new arrivals resort to them.’	“Algumas dessas agências clandestinas não são nem companhias registradas,” disse o Sr. Li. “ Nós, velhos de guerra, sabemos que eles não prestam. Só os que acabaram de chegar recorrem a eles.”

¹⁸ Moeda oficial da República Popular da China. Sigla de *ren min bi* (moeda popular)

A palavra “back-street” em inglês significa “operating or performed secretly, and typically illegally”. Dessa maneira, optei por traduzí-la como “clandestina” que tem significado muito similar em português. No caso do segundo trecho destacado, na tradução para o português, optei por deixar o discurso um pouco mais familiar aos brasileiros traduzindo “old-timers” como “velhos de guerra” e “they’re no good” para “eles não prestam”, expressões muito familiares para os brasileiros.

Texto Original	Texto Traduzido
These were Home Office IS96 documents granting the temporary right to work to Chinese asylum seekers before 2001. ‘Back then,’ he said, ‘you were allowed to work a little while you were waiting for asylum decisions . Now you have to eat your own flesh to survive.	Eram documentos da IS96 do Ministério do Interior garantindo o direito de trabalho temporário a refugiados antes de 2001. “Naquela época,” disse ele, “nos deixavam trabalhar um pouquinho enquanto esperávamos a decisão sobre nossa situação de refugiados . Agora temos que comer da nossa própria carne pra sobreviver.

O Home Office no Reino Unido é o departamento do governo britânico responsável por assuntos internos, particularmente pela administração da lei, pela imigração, pela comunidade e relação entre as raças, pela transmissão e pela organização das eleições políticas. Na página da Wikipédia sobre o Home Office, não existe o artigo em português, então recorri ao artigo em espanhol para ver como ficaria a tradução. Lá encontrei “Ministerio del Interior” e gostei da ideia, que remete muito bem às funções desse ministério de cuidar de

assuntos internos. No Brasil, já tivemos um “Ministério do Interior” que foi criado em 1967 e extinto em 1990 com funções um pouco diferentes, no entanto.

Já no caso de “IS96” é um documento emitido por esse ministério que permite moradia temporária a refugiados. Essa informação foi extremamente difícil de conseguir. Não há quase nada na internet que explique exatamente o que é o IS96, mas por meio da leitura de alguns fóruns jurídicos britânicos, me ficou muito claro o que ele era. Resolvi poupar o leitor desse grande trabalho e fornecer a informação em uma nota de rodapé.

Para “asylum seekers” pesquisei primeiro seu significado no *American English Dictionary*¹⁹ e encontrei “a person who has left their home country as a political **refugee** and is seeking asylum in another”. Resolvi, então, traduzir como “refugiados” ao invés de uma tradução direta que não seria muito fluido em português.

Texto Original	Texto Traduzido
(...) I knew there were thousands of undocumented Chinese people in the area, controlled by a web of unlicensed agents and gangmasters (officially known as “labour providers”). I’d heard that most of the agents were English, but that there was also a growing number of Chinese gangmasters (<i>gong tou</i> , literally meaning “leader of work”, as the Chinese workers called them) who’d managed to penetrate the informal economy, thanks	(...) Eu sabia que havia centenas de chineses ilegais na área, controlados por uma rede de agentes não licenciados e líderes de gangues (conhecidos oficialmente como “provedores de emprego”). Ouvi dizer que a maioria dos agentes eram ingleses, mas havia também um número crescente de líderes de gangue chineses (<i>gong tou</i> , que literalmente significa “líderes de trabalho”, como os chineses os

¹⁹ <http://dictionary.cambridge.org/dictionary/american-english/>

to their grasp of the English language. Workers without legal status depended on these man to get registered with agencies and find work in food-processing and agriculture.	chamavam) que conseguiam se infiltrar na economia informal, graças ao seu domínio da língua inglesa. Trabalhadores ilegais dependiam dessas pessoas para serem registrados nas agências e encontrar trabalho na indústria alimentícia e na agricultura.
--	--

A escolha de traduzir “undocumented Chinese” para “chineses ilegais” veio com a própria leitura do livro, onde o fato de um chinês não ter documentos, o torna um “ilegal”. No caso de “gangmasters” pensei traduzir usando palavras que também usamos no Brasil para se referir a alguém que manda em uma gangue. Inicialmente eu havia traduzido com “chefes de gangues” mas ao reler a tradução, achei melhor traduzir como “líderes de gangue”. A palavra “chefe” implica uma relação empregatícia que, no caso das gangues, não ocorre, por isso preferi traduzir como “líder”.

No caso da palavra chinesa “gong tou”, que exemplifica a estratégia adotada pela autora de introduzir palavras chinesas ao leitor britânico, na minha tradução, também marcada pela mesma estratégia, resolvi manter o termo e explicá-lo entre parêntesis como faz a autora.

O “food-processing” é um método de processamento alimentício feito pelas indústrias alimentícias. Com isso em mente, achei melhor para o texto em português a tradução para “indústria alimentícia” já que é o lugar onde os chineses trabalhavam onde o processamento alimentício acontece.

Texto Original	Texto Traduzido
Xiao Yu explained that many of these	Xiao Yu me explicou que muitos desses

gangmasters had connections with Chinese gangs who ran vast business of ‘ status manufacturing ’ all over the UK – that is, producing and selling passports to desperate fellows.	líderes de gangue tinham contato com gangues chinesas que comandavam grandes negócios de ‘ manufatura de status ’ (produção e venda de passaportes a preços altos para chineses desesperados) por todo o Reino Unido.
---	--

A escolha da palavra “comandavam” no texto em português me pareceu mais conivente com o contexto de clandestinidade desse excerto. A palavra “comandar” nos remete a algo hierarquizado, como um exército, que é de certo modo a maneira como as gangues funcionam.

Já na segunda parte destacada, a palavra “status manufacturing” foi traduzida diretamente do inglês para “manufatura de status”. Procurei saber se essa expressão existe no mesmo contexto em português, e não achei nada nessa linha. Resolvi manter a tradução direta que, na minha opinião, carrega exatamente o mesmo significado da expressão em inglês. Creio que a inexistência do termo em língua portuguesa se deva ao fato de a questão de imigração ilegal não ser tão forte nos países lusófonos.

Referente à minha escolha de trocar o uso do travessão no inglês para explicar o termo “status manufacturing” (que distancia um pouco a explicação do termo explicado), resolvi explicá-lo pelo uso de parêntesis, que é mais comum nos textos escritos aqui no Brasil e que também aproxima o núcleo de sua explicação.

Texto Original	Texto Traduzido
‘(...) I went to work in other provinces,	“(...) Fui trabalhar em outras províncias, e

and got involved in all kinds of risky business. Printing fake currency, things like that. Once I was shot at in a police chase. Later I was smuggled into Taiwan, with the help of local snakeheads . But the police in Taiwan are strict. I was arrested and deported after three months.	me meti em vários negócios arriscados. Imprimir dinheiro falso, essas coisas... Uma vez levei um tiro numa perseguição policial. Depois fui traficado para Taiwan com a ajuda dos cabeças-de-cobra locais. Mas em Taiwan a polícia é muito severa. Fui preso e deportado depois de três meses.”
--	---

Resolvi traduzir “got involved” como “me meter” por soar mais natural para os brasileiros falar “me meti em problemas” do que “me envolvi com problemas”. Fiquei feliz com a escolha e creio que fluiu bem no texto traduzido.

No caso de “snakeheads”, no primeiro capítulo do livro (que não utilizei nesse trabalho) a autora apresenta o termo ao leitor. A palavra “snakeheads” é uma tradução livre da autora da palavra chinesa *she tou* (que significa literalmente cabeça de cobra) para se referir aos líderes das gangues. Ela cunha o termo em inglês na sua obra e passa a usá-lo somente dessa forma. Em português mantive o sentido literal da palavra, adicionando, porém, os hifens, no intuito de formar o substantivo composto.

Texto Original	Texto Traduzido
'Once the peak period's over, we'll be waiting for shifts every day like the Shanghainese boys. What'll I do then? If I return to China, things will be even worse there. I don't have the power to change anything - not here, not in China. '	“Assim que a alta temporada acabar, ficaremos esperando por turnos todos os dias, como os rapazes de Shangai. O que vou fazer quando essa hora chegar? Se eu voltar para a China, as coisas serão ainda piores. Não tenho o poder de mudar nada, nem aqui, nem na China. Sem piada.”

Nesse caso, devido ao fato da expressão “nem aqui, nem na China” ser muito usada no Brasil de forma figurativa e com tom de brincadeira, resolvi adicionar a parte “sem piada” após discutir com meu orientador. Pensamos ser melhor essa pequena intromissão, para evitar que o leitor entenda a fala de maneira jocosa.

5. Considerações Finais

No mundo pós-colonial, a produção cultural deixa de ser uma via de mão única e um intercâmbio cultural global toma espaço. O mundo passa a ter acesso e a consumir obras literárias das mais diversas partes do mundo, possibilitando que pessoas das mais variadas origens saibam mais sobre os costumes, conceitos, pessoas e lugares antes ignorados pelo panorama cultural eurocêntrico. É nesse contexto que o tradutor militante se vê no papel de transmitir conceitos, ideias e idiossincrasias que possam trazer o leitor do texto traduzido mais para perto de uma nova cultura. Tal contato é de fundamental importância na formação de um cidadão mais cosmopolita e engajado.

Muitos tradutores, munidos desse ímpeto ativista, se unem a grupos que desafiam o discurso dominante, possibilitando que esses grupos elaborem suas reivindicações e seu posicionamento a um nível internacional, transpondo barreiras linguísticas e criando uma comunidade internacional unida pelos mesmos ideais.

É nesse cenário, também, que nasce o “homem híbrido”. O cidadão que sai de sua cultura para viver a de outro país, encontrando os mais variados tipos de dificuldades (de comunicação, adaptação, etc) num processo árduo e contínuo de tradução cultural.

Ao longo da minha tradução, ficou claro esse processo de tradução cultural sofrido pelos trabalhadores relatados pela autora. A adoção da estratégia da estrangeirização também foi de grande importância para que meu propósito de introduzir a cultura chinesa para o leitor brasileiro fosse devidamente cumprido. Já, no caso de algumas expressões em língua inglesa, que julguei não serem importantes do ponto de vista ativista, e que não fazem parte do meu intuito de divulgar a cultura chinesa, procurei deixar o mais fluido possível para o leitor brasileiro.

Pessoalmente, durante minha pesquisa para as reflexões teóricas, me surpreendi positivamente ao encontrar em Venuti muito do que queria tratar nesse projeto sobre militância e ativismo na tradução. Ainda não havia tido contato com essa parte do trabalho dele e, sem ela, creio que algo ficaria faltando nesse trabalho.

A experiência desse projeto também me fez encontrar meu lugar e definir melhor minhas crenças enquanto tradutora e sinto ter fechado essa minha experiência acadêmica de forma muito satisfatória e ainda mais apaixonada pela “bela infiel”.

O mestre Guimarães Rosa disse que “traduzir é conviver”. Para estas sábias palavras não há interpretação ambígua. Numa tradução há o convívio das palavras, dos idiomas, dos pensamentos e de idiossincrasias dos complexos seres humanos, plenos de significantes e significados. O tradutor convive nesse “limbo”, onde essas idiossincrasias, costumes e peculiaridades de ambas matrizes culturais se juntam.

6. Referências Bibliográficas

- BAKER, Mona. Translation and Conflict: A Narrative Account. Londres: Routledge, 2006.
- _____. Translation and Activism: Emerging Patterns of Narrative Community, *The Massachusetts Review*, 2006.
- BAO, Huinan. (2001). Cultural Context and Language Translation. Beijing: China Translation & Publishing Corporation.
- BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2010
- CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas Híbridas –estratégias para entrar e sair da modernidade. 4.ed. São Paulo: UNESP, 2011
- CHUNJIE, Qiao. (2009). On the Translation of Address Terms in *Honglounmeng* from the Perspective of Skopostheorie. Zhengzhou: Zhengzhou University Press.
- DUNKLING, L.A. (1990). Dictionary of Epithets and Terms of Address. USA and Canada: Routledge.
- HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- _____. Da diáspora: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003
- LEFEVRE, André. *Translation, Rewriting and the Manipulation of Literary Fame*. London, New York: Routledge, 1992.
- METHYEN, Andrew. Discussion of the Difficulties in Translating Terms of Address in Chinese and English. *MA Chinese Translation Practice and Theory* (2006).
- TYMOZCO, Maria. Translation and Political Engagement: Activism, Social Change and the Role of Translation in Geopolitical Shifts. *The Translator* 6(1): 23—47, 2000.
- VENUTI, L. Introduction. In: _____ (Org.). *Rethinking Translation: Discourse, Subjectivity, Ideology*. London/New York: Routledge, 1992. p. 1-17.
- _____. A invisibilidade do tradutor. Trad. Carolina Alfaro. PaLavra 3, p. 111-134, 1995. Tradução de The Translator's Invisibility. *Criticism*, Wayne State UP, v. XXVIII, n. 2, p. 179-212, Spring 1986.
- _____. Escândalos da tradução: por uma ética da diferença. Trad. Laureano Pelegrin, Lucinéia Marcelino Villela, Marileide Dias Esqueda e Valéria Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.
- _____. The Translator's Invisibility: A History of Translation. London/New York: Routledge, 2008 (1a. edição em 1995).

XIANGHONG, Cao. (2006). A Pragmatic Analysis of Address Forms in Chinese Family and Non-family Letters. *China Media Research*, 2 (1) : 60.

BARKSY, Robert. 1996. "The Interpreter as Intercultural Agent in Convention Refugee Hearings", *The Translator* 2:1.45-63.